

# EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

**Elizandra Ferreira Dias**

Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora MG, Rua José Lourenço Kelmer, s/n-Campus Universitário. Bairro São Pedro. Cep.: 36036-900. Juiz de Fora/MG.  
E-mail: [zandradas@hotmail.com](mailto:zandradas@hotmail.com)

**Francisco de Assis Penteado Mazetto**

Professor Associado do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora MG, Rua José Lourenço Kelmer, s/n-Campus Universitário. Bairro São Pedro. Cep.: 36036-900. Juiz de Fora/MG.  
E-mail: [franciscoppm@bol.com.br](mailto:franciscoppm@bol.com.br)

## Resumo

Este estudo se dedicou a analisar o papel da educação ambiental na sociedade contemporânea e elucidar alguns de seus principais fundamentos ideológicos. O discurso ambientalista dominante na atualidade, dissociado das questões sociais, não tem contribuído de forma decisiva para melhorar as condições sócio-ambientais do planeta. Deste modo, o poder econômico tem se apropriado da causa ambiental tornando-a um produto vendável como outro qualquer. Por outro lado, os atores principais desse processo, o povo, vêm sendo manipulados pela grande mídia no sentido de maximizar pequenas e inócuas ações ambientais como sendo vias de solução para os graves problemas agravados por uma sociedade do hiper consumo. Combater a ideologia individualista do capitalismo de consumo e tentar criar o sujeito ecológico seria uma das principais etapas para melhorar a relação entre o homem, sociedade e natureza.

**Palavras-chave:** ambientalismo; educação ambiental; conscientização; ação social.

## Sommaire

Cette étude est consacrée à l'analyse du rôle de l'éducation environnementale dans la société contemporaine et d'élucider certains de ses principaux fondements idéologiques. Le discours dominant aujourd'hui, l'environnement, couplée à des questions sociales, a contribué de manière décisive à améliorer les conditions socio-environnementales de la planète. Ainsi, le pouvoir économique ont pris fait et cause pour l'environnement en faisant un produit commercialisable comme les autres. D'autre part, les principaux acteurs de ce processus, les gens sont manipulés par les médias dominants afin de maximiser les petites et inoffensives actions environnementales comme moyens de résoudre les graves problèmes aggravés par une société hyper-consommation. Combattre l'idéologie individualiste du capitalisme de consommation et d'essayer de créer la réserve écologique serait une étape majeure pour améliorer la relation entre l'homme, de la société et la nature.

**Mots-clés:** écologie, éducation à l'environnement, la sensibilisation, l'action sociale.

## Introdução

Muito se tem falado sobre crise ambiental nesses atuais tempos de crise econômico-financeira. O meio ambiente enquanto produto serve de tema a uma infi-

nidade de estratégias e fundamenta toda uma série de propósitos e atitudes baseados em uma sustentabilidade conservadora que auxilia na reprodução de valores e práticas mercadológicas.

A capacidade demonstrada pelas forças do mercado de apropriarem-se da retórica ambientalista nos tem levado a pensar que o *conservadorismo dinâmico* de nossas ações e atitudes é suficiente para transformarmos nossa realidade sócio-ambiental. Esse conservadorismo é segundo Lima: “*reformista, superficial e reducionista*” (LIMA, 2005:125), na medida em que promove, na relação sociedade-natureza, mudanças parciais apenas, conservando seu caráter capitalista e exploratório.

As práticas e atitudes implementadas pelo conservadorismo dinâmico apenas antecipam mudanças de comportamento, mas, na realidade, não mudam o modo como continuamos a nos apropriar da natureza. Lamentavelmente, esta retórica conservacionista foi capaz de instalar-se também, na Geografia, principalmente, no âmbito escolar, por meio de práticas pedagógicas que não conduzem o aluno a reconhecer e a questionar seu papel diante dos desafios ambientais atuais.

Por outro lado, essa força demonstrada pelo discurso ambiental massificado, publicizado, não pode deixar de ser reconhecida como importante e até mesmo necessária na construção de uma consciência coletiva acerca da problemática ambiental. Lima nos chama a atenção para o fato de que:

À medida que o ideário e o discurso ambientalista difundiam-se socialmente, eram gradualmente apropriados e ressignificados pelos novos setores que hoje o compõem. Além disso, esse processo de expansão e apropriação do discurso ambientalista ocorreu em inequívoco paralelismo com a consolidação do neoliberalismo em nível mundial, marcado pelo deslocamento do poder do Estado e da Sociedade Civil para a órbita do mercado. (LIMA, 2005:122).

A mídia encontra-se presente, atualmente, em praticamente todas as sociedades modernas; seu alcance é imenso e sua influência é sentida em diversas camadas sociais. Ramonet salienta, com muita propriedade, o papel da mídia na promoção de uma:

... estéril uniformidade que caracteriza a modernidade e que conduz a um estilo de vida semelhante que se impõe de um extremo ao outro do planeta, divulgado pela mídia e prescrito pela intoxicação da cultura de massa: mesmos filmes, mesmas séries de televisão, mesmas informações, mesmas canções, slogans publicitários, roupas, carros, arquitetura e apartamentos decorados de maneira idêntica. Na história da humanidade, nunca práticas características de uma cultura tinham chegado a se impor, de uma forma tão rápida, como modelos universais, que são também políticos e econômicos.” (RAMONET, 1998:47 Apud BRUGGER, 2005:143)

A *hiper-realidade*<sup>1</sup> descrita por Baudrillard como a Nova Realidade - criada e homogeneizada pela TV - encurtou o espaço-tempo por meio da velocidade da informação. Em uma macro-escala os acontecimentos ou desastres ambientais ocorridos em diversas partes do globo são instantaneamente televisionados e alardeados pela imprensa em geral, nos dando - em uma micro-escala - a falsa sensação de que participamos ou influenciemos no que acontece.

É David Harvey quem melhor traduz os aspectos de volatilidade e velocidade que marcam a condição pós-moderna não apenas nas esferas político-econômica, mas também, na social. Para o autor, a *compressão espaço/tempo* obriga as pessoas a lidar com “a descartabilidade, a novidade, e as perspectivas de obsolescência instantânea.” (Harvey, 2001:258) Mas, é em Marilena Chauí, que encontramos uma clara definição sobre o conceito de compressão espaço/tempo cunhado por Harvey, que merece menção:

A fragmentação e a globalização da produção econômica engendram dois fenômenos contrários e simultâneos: de um lado, a fragmentação e dispersão espacial e temporal e, de outro, sob os efeitos das tecnologias de informação, a compressão do espaço – tudo se passa aqui – sem distâncias, diferenças nem fronteiras – e a compressão do tempo – tudo se passa agora, sem passado e sem futuro. (Chauí, 2004: 151).

A complexidade e o tamanho de nosso desafio perante as questões não apenas ambientais, mas, sociais como um todo, têm sido paulatinamente pasteurizados pelos chamados meios de comunicação de massa. Assim, diluída, essa complexidade da realidade sócio-ambiental seria menos chocante e mais facilmente absorvida pelo tecido social.

No plano concreto da realidade diária o meio ambiente tornou-se vítima dessa disseminação aleatória de notícias e informações. Isso me faz lembrar quantas vezes ouvi - após dizer às pessoas que pretendia tornar-me uma professora de Geografia para poder trabalhar a questão ambiental de forma crítica - comentários que exemplificam bem essa apropriação ideologicamente *rasa* do meio ambiente: “*Ahhh... sei! Semana passada meu filho trouxe da escola um porta-lápis feito de papel*”

<sup>1</sup> Segundo Antony Giddens: “*Baudrillard afirma que, em consequência da difusão da comunicação eletrônica, não existe mais uma realidade separada à qual os programas de TV e os demais produtos culturais se refiram.*” E continua: “*Logo, os eventos relatados nos noticiários não dizem respeito a uma série separada de acontecimentos, mas, na verdade, são eles mesmos que definem e constroem a essência desses acontecimentos.*” (2005:568)



reciclado” ou... “Aqui em casa, sempre separamos as latinhas de alumínio para a empregada.”

Embora não seja o objetivo principal deste trabalho discorrer sobre a influência da cultura de massa na Educação Ambiental (E. A.) não posso deixar de considerá-la uma forte externalidade, pois, como salienta Paula Brugger: “A tentativa de repensar a relação homem-natureza deve, pois, partir de uma profunda reflexão, que leve em conta esses poderosos vetores.” (2005:145)

Em relação a E. A. temos constatado um embotamento dos sentidos e das percepções das pessoas, como adverte Layrargues (Apud Loureiro, 2004:17): “Ou a Educação Ambiental se integra à leitura complexa do mundo, ou estará fadada a servir ao capitalismo como um instrumento ideológico de reprodução.”

A E. A.<sup>2</sup> está intrinsecamente ligada à ciência Geográfica e foi pensada desde seu marco histórico<sup>3</sup> como uma forma de educação voltada para a construção de novos valores. Elisée Reclus, um dos pioneiros da Geografia social/libertária do séc. XIX, já prenunciava a ligação existente entre ambas. Em 1905, o anarquista Reclus escreve:

A primeira das condições para que o homem chegue um dia a transformar completamente a superfície do globo é que ele a conheça toda e que a percorra em todos os sentidos. (...) Quando, enfim, o homem vier a conhecer toda a superfície do globo, da qual se diz senhor, (...), a grande obra geográfica não será mais percorrer as terras longínquas mas estudar a fundo os detalhes da região em que vivemos: conhecer cada rio, cada montanha, mostrar o papel de cada parte do organismo terrestre na vida do conjunto. (RECLUS, apud ANDRADE, 1985).

Mas, é apenas em 1972, na conferência de Estocolmo que a comunidade internacional representada em seus diferentes segmentos consegue produzir três documentos significativos. Um deles especialmente importante, por lançar as bases para um Plano de Ação Mundial que originaria, mais tarde, o Programa Internacional sobre Educação Ambiental (PIEA).

<sup>2</sup> O termo Educação Ambiental surge pela primeira vez na Universidade de Keele, na Grã-Bretanha, durante uma Conferência sobre Educação.

<sup>3</sup> Compreendidos aqui como a I Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, mas conhecida como a Conferência de Estocolmo, em 1972, o Encontro Internacional sobre E.A em 1975, também chamado de Conferência de Belgrado e a Conferência de Tbilisi em 1977 (CARVALHO, 2002; ZACARIAS, 2002; COSENZA, 2008),

Depois de Estocolmo, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO - e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA – promovem o Encontro de Belgrado, na tentativa de lançar o PIEA conjuntamente com uma concepção de E. A. contínua, interdisciplinar e holística, onde:

A finalidade da educação ambiental é formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e problemas com ele relacionados, e que possua os conhecimentos, as capacidades, as atitudes, a motivação e o compromisso para colaborar individual e coletivamente na resolução de problemas atuais e na prevenção de problemas futuros. (UNESCO, 1976, p.2).

Enquanto diretrizes para auxiliar na elaboração de políticas públicas, esses marcos internacionais ajudaram a estabelecer e a reforçar o ideário de uma E. A. comprometida com o meio ambiente em sua totalidade. Uma E. A. capaz de estabelecer um processo contínuo e interdisciplinar de formação, que leve o sujeito à descoberta tanto dos sintomas quanto das causas dos problemas ambientais atuais, sem perder de vista a perspectiva histórica. (RODRIGUES, 2008:24)

No contexto latino-americano e, mais especificamente, no brasileiro, a E. A. encontra no seio da Geografia disciplinar uma forma de atingir o público, incorporando diversas correntes – **naturalista, resolutive, sistêmica, científica, holística...** – mas mantém, até hoje, fortes marcas da corrente **conservacionista**.

Embora não seja nosso intuito aqui discorrer longamente sobre as diferentes correntes de E. A. existente iremos elencar as já citadas por se tratarem de correntes importantes que também se encontram presentes na fala dos sujeitos qualificantes de diversas pesquisas.<sup>4</sup> A primeira e, talvez, mais antiga delas seja a **corrente naturalista**, que tem como premissas básicas a relação com a natureza e a vivência com ela por meio de experiências, ela pode ser associada à educação para o meio natural como se o homem não vivesse em um meio natural, quando se encontra em locais de natureza preservada. Esse modelo teve grande repercussão e incentivo na América do Norte.

<sup>4</sup> Utilizamos aqui o estudo de Lucie Sauvé onde ela analisa quinze diferentes correntes são elas: naturalista, conservacionista, resolutive, sistêmica, científica, humanista, moral/ética, holística, biorregionalista, praxica, crítica, feminista, etnográfica, da ecoeducação e da sustentabilidade. Abordamos aqui como já dissemos, as que consideramos mais relevantes a essa pesquisa, mas não poderíamos deixar de citar todas elas.

Outra forte corrente é a **resolutiva**, também, majoritariamente norte americana, essa corrente prega a análise dos problemas ambientais, encara o meio ambiente como um conjunto de problemas que deva ser resolvido, a identificação e a busca de soluções ótimas, sem, contudo, implementar a solução de tais problemas. Já a **corrente sistêmica**, é um pouco mais completa e tem por base a ecologia e a ciência biológica. Nela, buscam-se compreender o meio ambiente em sua complexidade sistêmica, reconhecendo os diferentes fatores, elementos e estruturas presentes em determinado meio buscando desse modo, uma solução plural, encontrou forte encorajamento em Israel onde se desenvolveu toda uma metodologia sistêmica de análise ambiental.

A **corrente científica** encara a natureza, seus problemas e atores por meio das premissas ditas científicas, observação e experimentação são aqui necessárias, modelos científicos devem ser experienciados, de cunho bastante tecnicista essa corrente firmou-se conjuntamente com a as teorias quantitativas muito em voga nas décadas de 70 e 80.

Por fim, a **corrente holística** vem contraponto esse enfoque racional e analítico adotado até então, buscando uma compreensão ao mesmo tempo maior e particular do meio ambiente, levando em conta a subjetividade intrínseca de cada meio ambiente em particular e de seus atores, onde um enfoque, digamos – orgânico – é o principal. Inspirada nas teorias de Heidegger e Goethe essa corrente prega a união do homem com o meio natural, onde esse mesmo meio é o homem e o homem é o meio.

Mas, a corrente mais presente até os dias atuais é a **corrente conservacionista**, que prima pela conservação dos recursos naturais, partindo de uma visão reducionista e fragmentária da problemática ambiental, onde a natureza é vista apenas como um recurso que deve ser mais bem administrado em prol da cadeia produtiva atual. Além de trazer em seu cerne uma abordagem despolitizada. É por meio desse vínculo histórico estabelecido entre a Geografia, a Educação Ambiental e o conservacionismo que hoje, nossa consciência é permeada de atitudes que, no fundo, não contribuem decididamente para uma reflexão acerca da complexidade da problemática sócio-ambiental no qual estamos mergulhados.

Exemplos dessa corrente no cenário político nacional foram; a criação de inúmeros Parques Nacionais e Reservas como áreas de proteção integral, restritivas em sua gênese essas áreas reproduziram-se pelo país como única forma de proteção ambiental, ainda na década de 30 do século passado e, as políticas desenvolvimentistas dos planos quinquenais durante o regime militar nas décadas de 60 e 70.

Ao longo desse trabalho, foi possível perceber o quanto a E.A. e o conhecimento geográfico tem a percorrer para poder tornar tangível a superação da atual dicotomia sociedade-natureza. É com esse intuito, que no próximo capítulo, trataremos do cidadão comum que, busca em sua cotidianidade e em decorrência do senso comum a que está vinculado, busca parâmetros para construir suas relações sociais numa perspectiva crítica.



Crítica bem-humorada ao modo conservacionista pregado pelos defensores do modelo industrial-desenvolvimentista. Fonte: Mercury News. 1989.

## Meio Ambiente e o Sujeito, o Individualismo e o Senso Comum

As relações estabelecidas entre o sujeito e a sociedade e as diferenças entre o individual e o coletivo têm, não apenas merecido atenção por parte das Ciências Sociais e suas correntes, como também, nas últimas décadas, colocado de modo mais consciente e decisivo a um número maior de pessoas comuns. Muito de nós, em nosso dia-a-dia, nunca tivemos uma pontinha de remorso ou até mesmo de preocupação ao terminar de guardar as compras do mês e verificar a quantidade de sacolas plásticas e bandejas de isopor restantes? Ou então, de limpar a casa após uma festa e constatar a quantidade de resíduos resultantes? Muito poucos de nós, com certeza. Embora, o homem moderno, cada vez mais, se veja em situações na qual é obrigado a optar, a agir ou a contestar, não apenas de modo individual, mas, sobretudo, como parte de uma coletividade.

Teóricos como Thomas Hobbes, John Locke e Émile Durkheim analisaram a relação indivíduo-sociedade dentro de uma perspectiva liberal clássica e funcionalista. Já outros, buscaram na teoria social marxista explicações e bases filosóficas, como: Antonio Gramsci e Hannah Arendt. Na contemporaneidade nomes como: Anthony Giddens, Scott Lash, Zygmund Bauman e Ulrich Beck, refletem sobre a relação dialética travada entre o indivíduo e a chamada **sociedade de risco**.

Na atual sociedade urbana, onde o risco torna-se uma constante, na maioria das vezes, uma constante pouco perceptível, a moral, a ética e a ideologia ressurtem como velhas formas de dominação, com novas roupagens, valendo-se de velhos aparelhos de coerção. Foucault, para quem a relação entre poder e estado assume características de uma violência subliminar, exemplifica bem a ligação entre sociedade, desenvolvimento e controle social. Ele nos alerta: “À medida que o aparelho de produção se torna cada vez mais importante e mais complexo, à medida que aumentam o número de operários e a divisão do trabalho, as tarefas de controle se fazem mais necessárias e mais difíceis.” (FOUCAULT, 1987)

Os esquemas de pensamento, de ação e de percepção, são inculcados desde a infância por um trabalho pedagógico realizado primeiramente pela família e, posteriormente, pela escola. De modo que, as normas de conduta - esperadas pela sociedade - sejam interiorizadas por cada um de seus cidadãos. Nesse contexto a ideologia nada mais é do que: “... um dos instrumentos da dominação de classes e uma das formas de luta de classes. A ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação,

fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados.” (CHAUÍ, 1984).

A complexidade da atual relação homem-natureza modifica-se continuamente. A relação dialética - entendida aqui enquanto uma correspondência mútua e permanente entre a sociedade e seu meio ambiente - nem sempre é percebida em sua totalidade. O homem é moldado por seu espaço, por sua sociedade, por sua época histórica, pelos meios materiais e imateriais que dispõe para viver, ao mesmo tempo em que molda, cria e modifica tudo o que interage com ele. Enquanto um, o homem guia-se nessa relação partindo de uma premissa individualista, enquanto parte da coletividade é forçado a guiar-se pela vontade comum ou pelo contrato social em questão. O fato, como bem salientou Marx, é que:

“(…) na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser racional é que determina a sua consciência” (MARX, 1983:24).

O modo como produzimos nossas bases materiais além de determinar nosso modo de ser, também exerce pressão sobre os recursos naturais dos quais dispomos. Por exemplo, as questões ambientais colocam-se de modo mais contundente hoje, em uma sociedade técnico-científica, do que na sociedade pré-industrial do século XVII. Na sociedade capitalista moderna, a crise civilizacional traveste-se, na maioria das vezes, de crise ambiental, como que para confundir os humanos destes novos tempos de globalização econômica e cultural que se assumem - grande parte das vezes - apenas como indivíduos, principalmente quando a temática que os desafia ou, a necessária tomada de decisão, envolve questões ambientais

Recordemos então, das palavras do geógrafo Milton Santos sobre o cidadão que age como indivíduo, mas que, na prática, contenta-se em ser tratado como mero consumidor. Seu alerta sobre os perigos do consumo excessivo serve de base para nos fazer refletir sobre o papel do sujeito em sua sociedade:

Quando se confundem cidadão e consumidor, a educação, a moradia, a saúde, o lazer aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais. Até mesmo a política passa a ser uma função do consumo. Essa segunda natureza vai tomando lugar sempre maior em cada indivíduo, o lugar do cidadão vai ficando menor, e até mesmo a vontade de se tornar cidadão por inteiro se reduz. (SANTOS, 1997:69)

Na atual sociedade, a **ideologia individualista** ganha força - apoiada pelo consumismo e pela competitividade - levando grande parte das pessoas a uma redução de sua visão de mundo e ao enfraquecimento de sua identidade social, como também, a uma supressão do cidadão pelo indivíduo. Busco novamente em Santos, as palavras necessárias para explicar a ausência histórica do cidadão:

... em nosso país jamais houve a figura do cidadão. As classes chamadas superiores, incluindo as classes médias, jamais quiseram ser cidadãos; os pobres jamais puderam ser cidadãos. As classes médias foram condicionadas a apenas querer privilégios. (SANTOS, 1997:49).

Em meio à ideologia do consumo, o sujeito transforma-se em indivíduo, gerindo seus dilemas e vontades, na maioria das vezes, com estruturas lógicas de pensamento oriundas basicamente do senso comum.

Assim, as atitudes pessoais tornam-se respostas únicas e, muitas das vezes, ineficientes, pois não abarcam a complexidade dos desafios com os quais o sujeito lida diariamente na construção contínua de suas relações sociais. Quantas vezes, nas conversas e no convívio com os sujeitos qualificantes de uma pesquisa é constatado a ausência de uma visão mais abrangente da realidade e a incompatibilidade entre o discurso e a prática?

Isso desperta a questão da qualidade de vida versus qualidade ambiental, em um artigo intitulado: *Qualidade de vida, qualidade ambiental e meio ambiente urbano: breve comparação de conceitos*, Mazetto nos faz essa indagação:

A qualidade ambiental é sempre igual à qualidade de vida? Qual é o critério utilizado para se definir uma boa qualidade ambiental ou de vida?... Não é tarefa fácil estabelecer padrões de qualidade ambiental. Eles podem mudar ou não com o tempo, de acordo com sua interação com os elementos humanos envolvidos. Torna-se muito difícil separar

os parâmetros de ordem natural e humana quando se referem à qualidade ambiental e de vida. (Mazetto, 2000:22)

A Geografia e, sobretudo a E.A têm uma importante contribuição a dar na construção de um novo sujeito, que não seja, nem consumidor, nem indivíduo, mas sim, um sujeito dotado de criticidade não apenas em relação aos desafios ambientais com os quais se depara, mas, também, em relação a suas atitudes e ao mundo que o cerca. Um sujeito ecologicamente constituído ou ecologicamente correto, ou melhor, dizendo, um sujeito ecológico que busque qualidade ambiental conjugada a qualidade de vida.

O **sujeito ecológico** é um porta-voz, uma espécie de ícone, que carrega os valores morais necessários à sustentação da utopia ecológica, mas que, também, pode materializar-se por meio das atitudes concretas daqueles que crêem na possibilidade de construção de uma sociedade ecologicamente sustentável.

Em um livro intitulado: *Educação Ambiental - a formação do sujeito ecológico*, Isabel Carvalho tenta responder à pergunta crucial sobre quem é ou o que é o sujeito ecológico. Segundo a autora, o sujeito ecológico poderia ser entendido como um: *“modo ideal de ser e viver orientado pelos princípios do ideário ecológico.”* (Carvalho, 2004:65).

Carvalho nos leva a refletir sobre a importância dos ideais encarnados pelo sujeito ecológico em tempos que, segundo ela: *“Há menos ousadia e mais resignação como sentimento geral na sociedade. Temos mais medo do futuro”* (Carvalho, 2004:68). Outros analistas sociais concordam com ela. Richard Sennett escreveu em uma análise sociológica que fez a respeito do caráter na sociedade moderna: *“O risco vai tornar-se uma necessidade diária enfrentada pelas massas”* (Sennett, 1998:94).

A hipótese de que a Terra é um organismo vivo, que auto regula-se, toma hoje a forma de uma verdade planetária, desde que, James Lovelock em 1972, erigiu a teoria científica de Gaia, no qual, o planeta - sua biodiversidade e seus biomas - é visto como um ser vivo uno onde, toda a biota estaria intrinsecamente conectada, aumentando assim, o risco de uma catástrofe sócio-ambiental, uma vez que, nossa forma de reprodução social choca-se com a capacidade desse organismo vivo de regular-se e manter-se em equilíbrio.

Em meio à incertezas futuras o sujeito ecológico emerge - em um presente assolado por **teorias ambientais catastróficas** e por um senso comum acrítico - ele encarna a possibilidade de mudança em relação



ao modo como usufruímos dos recursos naturais. Mudança necessária, porém, difícilíssima.

Sermos intelectualmente autônomos e partilharmos de um senso comum, construído socialmente por nossas inter-relações, são premissas básicas para nos tornarmos sujeitos ambientais conscientes e atuantes, capazes de agir segundo critérios éticos e de modo coletivo.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Manuel Correa. "Atualidade do pensamento de Elisée Reclus", **Elisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985.

BRUGGER, P. "Os novos meios de Comunicação: uma antítese da educação Ambiental?" In: LOUREIRO, C. F. B. LAYRARGUES, P.P & CASTRO, R.S (Orgs.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

CARVALHO, Isabel. C. M. **Territorialidades em luta: uma análise dos discursos ecológicos**. São Paulo: Instituto Florestal de São Paulo, Série registros, 1991.

\_\_\_\_\_. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, Vilson. S. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Comunitário**. Rio de Janeiro: WAK, 2006.

CHAUÍ, Marilena. "Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político" In: NOVAES, Adauto. **Civilização e barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 10ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

SAUVÉ, L. "Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental" In: SATO e CARVALHO (Orgs). **Educação Ambiental-Pesquisa e Desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, G. F. C. "Crise Ambiental, Educação e Cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória" In: LOUREIRO, C. F. B. LAYRARGUES, P.P & CASTRO, R.S (Orgs.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.

LOUREIRO, C. B. **Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARX, Karl. **Contribuição a crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 351p.

MAZETTO, Francisco de A. P. **Qualidade de vida, qualidade ambiental e meio ambiente urbano: breve**

**comparação de conceitos**. In: **Sociedade & Natureza** – Rev. Do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. EDUFU: Ano12 – nº24 – Jul/Dez.2000.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987. p. 142

SENNETT, R. **A Corrosão do Caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.